

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS - LICENCIATURA

Ana Carolini Andres da Silva

**ENSINAR E APRENDER SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO: UM RELATO DE
EXPERIÊNCIA**

Porto Alegre
2018

Ana Carolini Andres da Silva

**ENSINAR E APRENDER SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO: UM RELATO DE
EXPERIÊNCIA**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Leandro Raizer

Porto Alegre

2018

CIP - Catalogação na Publicação

Silva, Ana Carolini Andres da
ENSINAR E APRENDER SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO: UM
RELATO DE EXPERIÊNCIA / Ana Carolini Andres da
Silva. -- 2018.
27 f.
Orientador: Leandro Raizer.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Filosofia e Ciências Humanas, Licenciatura em
Ciências Sociais, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. Estágio. 2. Docência. 3. Ensino Médio. 4.
Aprendizagem. I. Raizer, Leandro, orient. II. Título.

Dedico esse trabalho às minhas avós Anna Regina Piber da Silva (*in memoriam*) e Bronilda Maria Walker Andres (*in memoriam*), mulheres que são a minha fonte de inspiração para continuar lutando por um mundo melhor.

AGRADECIMENTOS

Após os anos na Universidade, não poderia deixar de agradecer aqueles que oportunizaram essa conquista da diplomação. Em especial a minha mãe Claudia e meu pai Delmar que contribuíram e me apoiaram em todas as minhas decisões, sendo o meu porto seguro desde sempre, para sempre. Ao Patrick, o maior irmão caçula do mundo, minha eterna gratidão a vocês, por serem a melhor família que eu poderia ter. E a toda a minha família sempre muito preocupados comigo e com a faculdade, mesmo não entendendo o que é meu curso (risos).

A minha melhor amiga Ananda e ao meu melhor amigo Catiano, sem vocês eu literalmente não estaria aqui, obrigada pelo incentivo nos momentos difíceis e o amor de vocês a todo tempo! Vocês são a família que eu escolhi.

A Eriane por ter as palavras mais certas e a risada mais gostosa; ao Paulo, por ser o meu amigo mais confiante e com uma alegria única; ao Tiago pelos anos de camaradagem e aprendizado; a todos meus amigos que me acompanharam nessa jornada. Aos meus amigos, da “Hlera da Sociais”, em especial à Bárbara pela garra e pelo sorriso no rosto mesmo no momento mais difícil, você me inspira!

Obrigada a União da Juventude Socialista pelos ensinamentos da vida oportunizados diariamente, com a UJS me tornei uma pessoa melhor. Obrigada a todos os militantes da UJS, em especial ao meu presidente Giovani, fonte de admiração e inspiração cotidiana.

A todos meus professores da educação pública por onde passei, desde a educação infantil à Universidade, vocês foram e são essenciais na minha formação profissional e humana. Ter escolhido a docência é a forma de retribuir todo esmero de vocês. Obrigada por resistirem num mundo tão cruel para aqueles que acreditam na transformação pela educação.

Obrigada a educação pública, gratuita, democrática e de qualidade, é somente por ela que estou me formando na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e por ela que exercerei minha profissão com o máximo empenho.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de licenciatura da Ciências Sociais propõe-se a relatar e analisar o período de estágio docente na disciplina de Sociologia, durante o segundo semestre de 2016, em uma escola tradicional de Porto Alegre. Compreendendo os limites e explorando as possibilidades dos estudantes durante o estágio. Analisando as minhas escolhas pedagógicas, a fim de construir um ambiente propício para o desenvolvimento do saber sociológico. Buscando as percepções dos estudantes durante o período do estágio, com o intuito de a partir das opiniões dos mesmos, aperfeiçoar a metodologia em sala de aula. Relacionando também, a experiência do estágio com os preceitos sociológicos e didáticos-pedagógicos do ensino da Sociologia.

Palavras-chave: Estágio. Docência. Ensino Médio. Aprendizagem.

ABSTRACT

This study completion degree of Social Sciences proposes to report and analyze the teacher probationary period in the discipline of Sociology during the second half of 2016, in a traditional school of Porto Alegre. Understanding the limits and exploring the possibilities of the students during the internship. Analyzing my pedagogical choices in order to build an enabling environment for the development of sociological knowledge. Seeking the perceptions of students during the internship period, in order to from the views of the same, improve the methodology in the classroom. Relating also the stage experience with sociological and didactic and pedagogical principles of teaching Sociology.

Keywords: Internship. Teaching. High School. Learning.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. ESTRUTURA GERAL DO SEGUNDO ESTÁGIO DOCENTE OBRIGATÓRIO	10
3. DESENVOLVIMENTO DAS AULAS: PLANEJAMENTO X REALIDADE	13
4. O ESTÁGIO PELO OLHAR DOS ESTUDANTES	19
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS	27

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão relata minha experiência no estágio docente obrigatório do curso de Licenciatura em Ciências Sociais. Para tanto, será relatado o contato inicial com Instituição e com o corpo docente, a estruturação do estágio e as relações estabelecidas com as turmas e dos conhecimentos aprimorados.

Conjuntamente com a descrição detalhada do processo de estágio em sala de aula, com as angústias e felicidades do exercício docente, observando situações ocorridas durante o estágio e os conhecimentos apreendidos desta experiência.

A fim de ampliar as visões acerca do estágio docente, será analisado o resultado da aplicação de um instrumento de avaliação (Formulário de Avaliação da Disciplina de Sociologia) respondido pelos estudantes. Portanto, uma visão dos educandos que participaram do estágio, colaborando para as perspectivas das duas turmas que lecionei.

Assim, o relatório trata de maneira ampla as situações ocorridas durante o período do estágio, não tendo a pretensão de ser universalizante de todo estágio, visto a complexidade da experiência.

É válido salientar, o período do referido estágio, exercido no final de 2016, momento de discussão intensa sobre a reformulação do Ensino Médio e o questionamento da Sociologia e de outras Humanidades como obrigatórias. Exercer a docência, em geral já é encarada como resistência ou quase uma pessoa com “iluminação divina”, acrescida ao desejo de ser professora de uma disciplina, a qual, sempre que há retrocessos políticos no país é ameaçada de extinção ou diminuição de carga horária e importância dentro dos currículos. Então, o estágio se tornou trincheira de resistência, cada aula foi uma batalha em busca de reconhecimento e respeito para com a disciplina.

Observando os preceitos de ensino da Sociologia e da profissão de educadora, tendo “a qualidade da escola é condição essencial de inclusão e democratização das

oportunidades no Brasil” (BRASIL, 2006), compreendendo a “qualidade da escola” da estrutura física, o apoio pedagógico e o ensino.

A relevância de compreender a escola enquanto uma instituição social, é vital para entender o papel da escola e o papel que, nós professores, temos. Dito isso, destaco a monta de relatar a experiência do estágio, bem como analisar os caminhos que trilhei, como contribuição de futuros professores, baseado na troca de informações. Afinal, a troca de experiência entre professores é fundamental no exercício da docência em todos os níveis, por isso relembro neste trabalho algumas passagens de Freire e Shor, num diálogo franco sobre os percursos da docência.

Para tanto, o presente trabalho procura na primeira parte dissertar sobre a estrutura do estágio docente, ressaltando os principais pontos durante o contato inicial com a instituição. Passando por descrever e explorar as minhas percepções sobre o período do estágio, explanando a constituição dos planos de ensino e sua aplicabilidade nas turmas. Além da minha perspectiva, há um capítulo específico sobre as percepções dos estudantes, a partir dos dados do formulário avaliativo aplicado ao final do estágio, e por fim as considerações finais. Portanto, convido a leitura e para que possamos construir novos diálogos em conjunto.

2. ESTRUTURA GERAL DO SEGUNDO ESTÁGIO DOCENTE OBRIGATÓRIO

Em meu segundo estágio obrigatório, escolhi uma escola de perfil diferente do primeiro estágio, na qual ministrei aulas numa instituição que atendia essencialmente estudantes de camadas socialmente vulneráveis, no turno da noite, com distorção idade série bastante acentuada. Então, no segundo estágio optei por realizá-lo numa escola localizada na zona central de Porto Alegre, a Escola Técnica Estadual Parobé. A escolha se deu por dois motivos principais: renome de qualidade do ensino na cidade e, porque estudei o terceiro ano do ensino médio nesta escola.

No momento do contato com a Escola, houve uma ligação afetiva o que poderia ter prejudicado o estágio, entretanto, por eu ter estudado na Instituição e ter uma boa relação com professores e a direção da instituição, tornou-se mais simples o processo de aceitação da escola. Devido a minha opção por não ser estagiária de professores com quem tive aula, para evitar a comparação das aulas deles com as minhas, realizei o contato com a educadora ministrante de Sociologia por intermédio de uma professora de Geografia com quem estudei na escola.

Em seguida, conversei com a professora ministrante de Sociologia para as turmas de primeiro a terceiro ano no turno da tarde, que possui formação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e concluiu na década de 80. Inicialmente, a conversa foi para realizarmos combinações prévias, para conhecer o plano de ensino da disciplina e escolher as turmas a serem observadas inicialmente e posteriormente efetivar o estágio. Escolhi duas turmas, as quais utilizarei os nomes fantasias de turma A (turma do primeiro ano) e B (turma do segundo ano), por estarem disponíveis e por se encaixarem perfeitamente com meu horário e com o aval da professora ministrante salientando que eram as classes mais tranquilas de lecionar.

A partir dessa reunião, comecei a observação das turmas por duas semanas, nas aulas de sociologia e também em outras disciplinas, com a permissão dos professores.

A relação com a equipe diretiva ficou mais distante, com pouco contato, sempre que solicitados atendiam, embora demorasse por vezes. Ficou bastante evidente que a

equipe diretiva não se envolve nos processos com os professores, contando com bastante autonomia, sendo a relação que pode observar ser mais direcionada em relação à cobrança pelos trâmites burocráticos do que com o acompanhamento pedagógico. O SOE (Serviço de Orientação Educacional) preocupa-se de forma geral com os “alunos-problemas”, “alunos faltantes”, e atividades afins.

A partir das observações, foi possível traçar um perfil das turmas, bem como da escola num aspecto geral. As observações demonstraram que a escola advém de uma camada de classe média e baixa, apesar de ser da zona central do município, os estudantes são em sua maioria dos bairros mais afastados e de cidades da região metropolitana. O perfil detalhado das turmas relatarei a frente.

Após as observações gerais e específicas de Sociologia, analisei os planos de ensino da professora ministrante, selecionando os conteúdos no período do estágio. Os dois planos de ensino seguiam as diretrizes para Ciências Sociais dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio e as Orientações Curriculares para o Ensino Médio, estruturados com ementa e competência da série, bem como os conteúdos discriminados, com orientação de habilidades, conhecimentos, procedimentos, recursos e avaliação. A partir destes elementos também construí os planos de ensino para o período de estágio, procurando praticar a pesquisa como elemento de ensino, aliando teoria e prática na sala de aula, como pontua Demo no trecho abaixo,

Em vez de acentuar a aula como referência central de ensino e aprendizagem, é imprescindível valorizar pesquisa e elaboração, autoria e autonomia, atividades que naturalmente desembocam na “construção de conhecimento”. Ao mesmo tempo, é fundamental unir qualidade formal e política. De um lado, é essencial saber construir conhecimento metodologicamente adequado, discutir metodologia científica, construir textos formalmente corretos, aprender a fundamentar e a argumentar. De outro, é decisivo saber o que fazer com conhecimento, saber pensar e intervir, propor alternativas, fazer-se sujeito de história própria, individual e coletiva. (DEMO, 2010)

Portanto, os planos de ensino das turmas, seguem a lógica da fundamentação teórica em conjunto com a elaboração, criação própria de cada turma e nível de ensino. No plano de ensino no primeiro ano (turma A), conta com um período semanal, tendo o terceiro trimestre o conhecimento geral “As instituições Sociais: Família, Escola e

Religião”, os conhecimentos que trabalhei durante as dez semanas de estágio foram: Instituições Sociais, com foco na socialização; posteriormente interseccionando os conteúdos de grupos sociais, relações sociais entre outros com os conceitos de Família e Escola. Não desenvolvi conteúdos acerca de Religião. Apliquei três avaliações, dois trabalhos (a primeira uma atividade escrita em aula, a segunda uma redação feita em casa) e uma prova final de encerramento do conteúdo, solicitada pela professora ministrante para que houvesse.

O plano de ensino do segundo ano (turma B) segue os moldes do plano de ensino anterior, entretanto, na ETE Parobé, os segundos anos contam com dois períodos semanais de Sociologia, muito valorizado pelos professores e pela Escola, como uma das poucas que mantém as disciplinas de Humanidades em destaque, contando, por exemplo, com a disciplina de Direitos Humanos, lecionada preferencialmente por professores de Sociologia ou Filosofia. Percebendo portanto, que os conhecimentos abordados no segundo possuem um grau maior de complexidade. Já no terceiro semestre, o conhecimento geral a ser tratado é “Trabalho e Sociedade”, tendo uma gama de conhecimentos a serem tratados, entretanto, os estudantes possuíam um conhecimento prévio do raciocínio sociológico enriquecendo a discussão em aula. Analisado essa questão, construí o planejamento da seguinte maneira: conceituação do tema trabalho através da história e de conceitos clássicos de Karl Marx, Max Weber e Émile Durkheim; após com questões atuais envolvendo temas de juventude, mulheres, população LGBTTs (lésbicas, gays, travestis, transexuais) com assuntos do direito e economia. A avaliação foi construída a partir das primeiras aulas, e partiu essencialmente de um atividade em grupo sobre uma modalidade de trabalho previamente estabelecida por mim. Esse trabalho tinha duas partes, escrita e apresentação oral, ele também integrava a avaliação final. A prova final desenvolvida com questões sobre os conceitos e também demandava que relacionassem os trabalhos com os conhecimentos estudados.

3. DESENVOLVIMENTO DAS AULAS: PLANEJAMENTO X REALIDADE

Após a observação e a construção dos meus plano de ensino, chegou o momento de iniciar o estágio efetivamente: a sala de aula. Relatarei o desenrolar das aulas de forma sucinta e as percepções geradas no decorrer do estágio e as análises construídas posteriormente, de modo a conceber um relato mais completo das aulas ministradas por mim.

Mesmo com a pluralidade das duas turmas, elas possuíam características em comum, como: faltas em demasia; alunos desistentes; educandos mais destacados e reconhecidos pelos colegas por tanto, bem como pelos professores; estudantes integrantes do Grêmio Estudantil da Escola; e bastantes efusivos quando surgia alguma discussão na sala de aula.

Todavia, o perfil geral das turmas se distinguem. A turma A (primeiro ano) tinha em média quinze estudantes por aula, mesmo na chamada sendo mais de trinta estudantes, uma evasão preocupante já na observação e questionada aos professores a questão era tratada como normal e sem uma solução, considero que

[...] nesse sentido, estão excluídos; ou, se nada for feito, tendem a ser rapidamente excluídos do mercado de trabalho, já que a exigência mínima de escolaridade para os que ingressam na vida produtiva tende a se situar no nível do ensino médio completo. (ROCHA, 2008)

Sendo assim, essa parcela de jovens, encontra-se fora do sistema escolar, por não enxergar a escola como um ambiente de presente e futuro para eles. O que certamente há de impactar na sociedade que vivemos.

Adiante, na primeira aula de combinações gerais houve um estranhamento quando a escuta da professora, as perguntas feitas por mim eram respondidas de forma muito objetiva ou nem respondidas, situação que se repetiu nas próximas aulas, reafirmando o descrédito da escola enquanto instituição, sem enxergar um propósito de estar ali.

Além disso, a desatenção referente ao conteúdo foi grande, mesmo quando instigados a realizar tarefas ou dinâmicas em conjunto, demonstravam muitas dificuldades, principalmente em reter a atenção de toda turma. A desatenção era geral, mas alguns estudantes se destacaram nas atividades propostas, quando de forma escrita e/ou verbalmente se manifestavam muito pouco, ou de forma pouco clara na fala. Alguns estudantes não tinham o básico de interpretação de texto em frases simples, a turma, em geral era detentora de uma vocabulário fraco - indicando pouca leitura. Rememorando os diálogos de Freire e Shor sobre a linguagem, e uma preocupação frequente de ambos com seus estudantes: “como levar a linguagem conceitual para perto do concreto, quando trabalhamos com alunos na sala de aula” (FREIRE; SHOR, 1987). Uma tarefa árdua para nós, estudantes de Universidades que exaltam a erudição acadêmica, considero como um cabo de guerra, onde nós professores, (em especial os saídos a pouco da Universidade, ou ainda nela) estamos bem no meio da corda, a linguagem conceitual e culta de um lado e de outro a linguagem “da rua”. Nós esforçamos bastante, para que contrariando a lógica, os professores ganhem esse cabo de guerra da linguagem.

Também havia muita dificuldade por parte dos alunos em manifestar perguntas quando tinham alguma dúvida, fico a refletir se era por possuírem muitas dúvidas ou insegurança, se por vergonha ou por não terem nenhuma motivação ou interesse pela disciplina.

Essa dificuldade de falar as opiniões durante as aulas geraram uma complexidade no meu entendimento sobre a construção dos conhecimentos deles, gerando alguns obstáculos para compreender e procurar demais opções de didática, caso fosse necessário. Conquanto, busquei utilizar de outras ferramentas como vídeos, apresentações dos conteúdos em Prezzi (mais dinâmicos), levar resumos prontos e fazer com a turma um mural sobre a escola com a opinião deles, contudo, nenhum método foi de todo eficiente. Tendo em vista que

Os currículos praticados seriam aqueles criados pelos professores mesclando propostas formais de currículos com aqueles que se originam das práticas curriculares reais, isto é, fruto das circunstâncias reais de cada dia de trabalho, e diferentes para

cada ano, com cada turma trabalhada. Nesse sentido, esses currículos seriam sempre dinâmicos e em movimento. (PEREIRA, 2015)

Ainda na turma A, uma situação bastante complicada foi a gestação de uma menina durante o estágio, fato que gerou atritos entre ela e outros colegas, *bullying*, e agressões verbais durante a aula na turma A, por exemplo. Durante a aula consegui contornar a situação, mesmo sem ter o conhecimento prévio da sua gravidez, então busquei auxílio com a professora responsável pelo SOE para conversar com os envolvidos. Após três aulas, esta jovem não assistiu às minhas aulas mais, portanto não tive mais informações de como prosseguiu a situação até o término do estágio.

Mesmo com grandes dificuldades na turma, enxerguei potencialidades que precisam ser trabalhadas em todos os estudantes, muitos deles não se enxergam ou se encontram pertencentes a escola, são estranhos num lugar estranho. Todavia, acredito que o olhar da equipe diretiva poderia ser um acompanhamento pedagógico adequado e não basear-se na mera cobrança por resultados, penso que surtiria mais efeitos positivos. Coloco essa observação, pois durante o estágio, por duas vezes a equipe de orientação pedagógica teve uma intervenção na turma acerca do comportamento e notas, para que pudessem melhorar, estimulando uma opinião meritocrática do ensino, sem buscar a compreensão dos porquês existentes na turma.

Pontuado a questão acima, o estágio na turma A foi tensionado nas minhas escolhas pedagógicas, alterei recursos durante o período, no sentido que Pereira coloca dos currículos em movimento, procurei conversar mais com a turma para exercer a minha escuta da turma não tendo um resultado positivo no grande grupo. Procurei “construir instrumentos para uma melhor compreensão da vida cotidiana, ampliando a “visão de mundo” e o “horizonte de expectativas”, nas relações interpessoais com os vários grupos sociais” (BRASIL, 2002).

Os momentos de orientação com o professor orientador do estágio foram fundamentais para reencontrar o caminho e permanecer da forma mais tranquila no estágio. Também, construí um laço afetivo com duas estudantes, que passavam um relato aberto das suas impressões da aula e também de situações mais sérias que

aconteciam em outras disciplinas e depois da aula por exemplo. Ao mesmo tempo, estudantes me questionavam acerca de minha postura e escolhas em sala de aula, situação que nem sempre consegui resolver de maneira tranquila e madura, tanto que os momentos de tensão, foram resolvidos parcialmente no decorrer do estágio. A situação descrita foi bastante particular da turma A, não se repetindo com a turma B (turma de segundo ano).

Então, o primeiro fator relevante a ser pontuado sobre a B, é se ter 5 turmas de primeiro ano e somente duas turmas de segundo ano, isso deve ser levado em consideração nesta nova configuração social, e até o momento a grande oferta de estágio para o ensino médio para jovens a partir dos 16 anos, sendo o turno da tarde o mais favorecido para essa oferta. Contudo, a repetência e desistência também devem entrar na desta conta.

Portanto, turma B é a junção de duas turmas de primeiro ano e a turma ainda mantém essa divisão na sala, inclusive espacialmente. Essa divisão, também se constata entre os desempenhos escolares, tendo uma ex-turma com melhor desempenho e a outra ex-turma um baixo desempenho. Assim como a turma A, a turma B também possui “alunos turistas”, mas em menor número. Os estudantes em geral são frequentes e mais preocupados com as questões de responsabilidade da aula, tanto de compreensão de conteúdos quando entrega de trabalhos.

Uma característica marcante da turma é a grande presença de estudantes que compõem o atual Grêmio Estudantil, como já pontuado. As eleições ocorreram no período do estágio, então criei uma grande expectativa - de debates mais adiantados sobre os assuntos tratados - para com a turma, quando soube deste fator, embora não tenha se concretizado no exercício da docência.

Essa expectativa de poder realizar debates mais avançados me motivou no planejamento didático-pedagógico a realizar e incentivar diferentes habilidades, futuramente foi demonstrado que a impressão estava incorreta, embora muitos deles participando ativamente da política estudantil da escola, não tinham desenvolvidas diversas habilidades necessárias para o aprendizados das Ciências Sociais. Essa

insuficiência pode ser motivada por diversos fatores, como a falta de continuidade na disciplina de Seminário Integrado, ou a não fixação de conceitos básicos da Sociologia, como processos de socialização (conteúdo de primeiro ano).

Algumas dificuldades se repetiram do primeiro ano, como a compreensão de vocábulos relativamente simples, como “findados”. Percebendo isso, sempre me disponibilizei para esclarecer e tirar quaisquer tipo de dúvidas, nessas situações a turma, de forma geral foi muito solícita e participativa. Tendo boa participação oral quando solicitados, mas sem um pensamento desenvolvido em conhecimentos prévios. Contudo, procurei seguir dentro das minhas limitações as normas das OCEM de “traduzir” o pensamento sociológico,

deve haver uma adequação em termos de linguagem, objetos, temas e reconstrução da história das Ciências Sociais para a fase de aprendizagem dos jovens – como de resto se sabe que qualquer discurso deve levar em consideração o público-alvo. (BRASIL, 2002)

Além da dificuldade supracitada, percebi uma incapacidade de construção de um conhecimento interligado com outras áreas, um paradigma muito forte de história linear, o que dificulta a compreensão dos movimentos cíclicos da sociedade, sobretudo no conteúdo abordado (mundo do trabalho e a sociedade).

A forma avaliativa desta turma compreendia um trabalho, como citado acima, construído em etapas, acompanhado por mim nas aulas e com uma carga de trabalho extraclasse considerável, mas de acordo com os parâmetros de trabalhos mais aprofundados de Ensino Médio. Os grupos foram criados por escolha dos estudantes por afinidade, do mesmo modo que pensei o trabalho por etapas, à medida que o conteúdo foi sendo desenvolvido era necessário me entregar pequenos resumos do que estava avançando no trabalho. Posteriormente, culminou num trabalho escrito com elementos prévios estabelecidos e apresentação oral para a turma. O resultado dos trabalhos foi interessante, contudo alguns grupos foram demasiadamente superficiais, buscando o mínimo necessário, enquanto outros fizeram entrevistas e buscaram notícias referentes ao seu tema.

A falta de um engajamento no trabalho final mais aprimorado pode advir de uma dificuldade minha de expressar o que esperava da avaliação, pois os estudantes entendiam que a apresentação oral era o mais importante na mesma lógica da professora ministrante, não compreendendo que a parte escrita e apresentação são partes igualmente importantes de um trabalho.

Ademais, a falta de atenção durante a apresentação dos colegas afetou a realização da prova, pois era necessário relacionar os trabalhos com os conhecimentos estudados, questão conectada necessariamente em participar das aulas e exercer a escuta para com os colegas. Além disso, a prova contava com uma questão objetiva de estilo vestibular, análise de uma tirinha da Mafalda e uma questão teórica de conceituação de conceito. Uma prova densa, entretanto de acordo com a carga semanal da disciplina de dois períodos de 50 (cinquenta) minutos cada. Esse julgamento fiz baseado no plano de ensino da professora, mostrando a aplicação do mesmo como frágil, visto que faltavam conhecimentos básicos do raciocínio sociológico.

Todavia, de forma geral a turma atendeu as atividades solicitadas e buscou tirar dúvidas dos trabalhos, porém com algumas dificuldades como dito antes, entendo como uma consequência da minha falta de entendimento sobre as habilidades que estes estudantes possuíam anteriormente. Mesmo com algumas tais dificuldades pedagógicas, o período de estágio com esta turma foi gratificante e tranquilo.

É importante também pontuar as reações comuns das turmas sobre as aulas, como: gostaram da utilização de mecanismos digitais de apresentação (apresentação de *slides*); surpresos por devolver os trabalhos e provas com correção escrita para além da nota, ressaltando os pontos positivos e colocando os pontos a serem melhorados.

Não obstante, o relato trata da minha visão sobre o estágio, tendo como uma espécie de “prova real” do estágio, o questionário de avaliação de final de estágio, aplicado as duas turmas, analisado no próximo tópico.

4. ESTÁGIO PELO OLHAR DOS ESTUDANTES

Esse tópico tem por objetivo, analisar o “Formulário de Avaliação da Disciplina de Sociologia”, questionário avaliativo aplicado ao final do estágio para as duas turmas, dividido em uma parte objetiva e outra dissertativa. O questionário é preenchido de forma anônima pelos estudantes, com o objetivo de manter a imparcialidade e buscar de forma mais sincera a opinião dos estudantes sobre o período do estágio.

Nesse sentido, optei por tabular os dados objetivos como segue os Quadros 1 e 2:

Quadro 1 - Questões Objetivas do Formulário de Avaliação da Disciplina de Sociologia da turma A, ETE Parobé, Porto Alegre, RS, dezembro de 2016.

TURMA A				
Questões para avaliação das atividades letivas da disciplina de Sociologia	Escala*			
	1	2	3	4
1.Os conteúdos foram apresentados de maneira clara pelo professor.	-	1	6	8
2.O professor demonstrava domínio sobre os assuntos abordados em aula.	-	1	7	7
3.A avaliação foi adequada ao conteúdo trabalhado em aula.	-	-	6	9
4.As atividades e recursos utilizados pelo professor foram adequados para as aulas e compreensão dos alunos.	-	1	6	8
5. O professor foi respeitoso e atento às sugestões e contribuições dos alunos.	-	-	6	9
6.O professor estimulou a participação em aula.	-	1	6	8
Total de respostas			15	
*Grau de concordância: 1= Não; 2= Parcialmente; 3= Sim; 4=Totalmente.				

Fonte: Elaboração própria.

Quadro 2 - Questões Objetivas do Formulário de Avaliação da Disciplina de Sociologia da turma B, ETE Parobé, Porto Alegre, RS, dezembro de 2016.

TURMA B				
Questões para avaliação das atividades letivas da disciplina de Sociologia	Escala*			
	1	2	3	4
1.Os conteúdos foram apresentados de maneira clara pelo professor.	1	4	11	8
2.O professor demonstrava domínio sobre os assuntos abordados em aula.	-	2	6	16
3.A avaliação foi adequada ao conteúdo trabalhado em aula.	2	4	9	9
4.As atividades e recursos utilizados pelo professor foram adequados para as aulas e compreensão dos alunos.	-	4	9	11
5. O professor foi respeitoso e atento às sugestões e contribuições dos alunos.	3	2	11	8
6.O professor estimulou a participação em aula.	1	2	9	12
Total de respostas	24			
*Grau de concordância: 1= Não; 2= Parcialmente; 3= Sim; 4=Totalmente.				

Fonte: Elaboração própria.

Conforme o levantamento de dados, as turmas mostram um grau de satisfação grande referente ao período do estágio. A turma A possui uma opinião mais homogênea quanto a minha postura em sala de aula e os métodos avaliativos utilizados, não havendo concordância negativa em nenhuma das perguntas.

Diferente da turma B, mesmo a maioria tendo concordância positiva quando a minha postura e métodos avaliativos, uma parte - que julgo considerável - respondeu negativamente a minha conduta em sala de aula. As questões mais preocupantes, considerando a minha docência, são os estudantes que consideraram desrespeitosa a minha atuação para com eles e a falta de clareza na explicação dos conteúdos. Esses dois apontamentos principais, me fizeram refletir a respeito da forma que conduzi as aulas e as reações causadas em mim nos momentos de tensionamento na turma B. Em minha avaliação as situações mais dramáticas ocorreram na turma A, entretanto não refletiu na opinião nos formulários. Deve se considerar o amadurecimento na faixa etária das turmas, mesmo com pouca diferença de idade, é aterrador a diferença de comportamento das turmas, assinalo esse item aqui, pois reputo a ele a forma mais severa de avaliação das aulas, tendo a turma B uma personalidade mais acentuada e

com opiniões mais originais, com a necessidade intrínseca de as revelar, bem como era em sala de aula. Em contrapartida, a turma A, uma turma com a carência de autoafirmação demasiadamente intensa. Como coloca Dayrell e Reis

Parece que os jovens alunos, nas formas em que vivem a experiência escolar, estão nos dizendo que não querem tanto ser tratados como iguais, mas, sim, reconhecidos nas suas especificidades, o que implica serem reconhecidos como jovens, na sua diversidade, um momento privilegiado de construção de identidades, de projetos de vida, de experimentação e aprendizagem da autonomia. **Demandam dos seus professores uma postura de escuta – que se tornem seus interlocutores diante de suas crises, dúvidas e perplexidades geradas** (grifos meus) ao trilharem os labirintos e encruzilhadas que constituem sua trajetória de vida. Enfim, parece-nos que demandam da escola recursos e instrumentos que os tornem capazes de conduzir a própria vida em uma sociedade na qual a construção de si é fundamental para dominar seu destino. (DAYRELL; REIS, 2007)

Essa postura de escuta é difícil, mesmo eu tentando me fiscalizar a todo tempo, é um processo de doação e concentração, entretanto nós professores ainda somos humanos e a nossa subjetividade também afeta nosso trabalho. Digo isso, pois acredito que por variadas vezes me coloquei em posição de igualdade, querendo ser “um deles”, não sendo essa atitude que eu deveria ter assumido e nem mesmo o esperado pelos estudantes. Evidente, a questão geracional se relaciona, há poucos anos eu estava no lugar deles, e agora assumo outro papel, o qual devo compreender o mais rápido possível, a fim de ter a postura mais adequada em sala de sala.

Outrossim, o formulário avaliativo dispunha de cinco questões dissertativas, então os estudantes poderiam expor sua opinião sobre o estágio, bem como sobre a disciplina de Sociologia e também sugerir sugestões para as aulas. Além de possibilitar o espaço de avaliação mais descritiva da relação deles com o aprendizado, como por exemplo, a questão que referia sobre a dificuldade com a disciplina, sendo apontada como maior dificuldade a densidade do conteúdo aliado a desatenção dos colegas, contudo a maioria não avaliou ter dificuldade com a disciplina. Portanto, situações de aprendizagem para mim, principalmente quanto a densidade dos conteúdos, revelando a importância de bom planejamento didático-pedagógico que compreenda a realidade dos estudantes, as possibilidades e limites do público que se pretende lecionar.

Através do relatório, também foi possível constatar maior parte das turmas consideram estudar Sociologia importante no Ensino Médio, pontuam essencialmente a importância de estudar Sociologia como aprender a viver em sociedade, conhecimentos de direitos e deveres, assuntos da atualidades. Interessante o não aparecimento de nenhuma resposta colocando a Sociologia como uma disciplina que estimula a opinião crítica, mas sim como uma disciplina que fornece informações e quase ordeira da sociedade. Destaco todavia, uma resposta da turma B: “[importante] porque faz pensar”. Outras questões levantadas foram de estudantes que consideravam importante, mas o estudante deveria poder optar cursar ou não, momento de discussão intensa sobre as Humanidades como obrigatórias no Ensino Médio.

Então, pensando a Sociologia de forma genérica como “ciência da sociedade”, relacionada diretamente com a vida cotidiana, busquei durante o período do estágio relacionar os conceitos com acontecimentos correntes, tendo efeito na compreensão dos estudantes de forma geral. As respostas que se destacaram foram: “sim, ainda mais agora que estou trabalhando, e ver realmente como funciona a divisão social do trabalho” (B); e “sim, porque a sociologia está em tudo na nossa vida” (A). Estas respostas ilustram o conhecimento apreendido pelos estudantes, ainda que de forma parcial. Mostra-se portanto, a necessidade de aprofundar os conhecimentos de Sociologia, e disseminar o raciocínio sociológico visto que se tem disposição acerca dos assuntos da Sociologia.

Assuntos estes apontados por eles quando perguntados, essencialmente conteúdos mais ligados a política, as outras culturas, religião e assuntos econômicos do Brasil; conteúdos contemplados nos próximos anos de Ensino Médio pelos planos de ensino da professora da disciplina, ou mesmo a continuação dos conteúdos previstos para o semestre. Já a turma B sugere conteúdos segmentados em aula, como preconceitos (contra as mulheres, gay, religiões, étnicos, etc), movimentos políticos (conteúdo do semestre anterior) e desenvolvimentos da sociedade. Portanto, as duas turmas trazem temas profundamente sociológicos, devendo os professores ficarem atentos as colocações dos estudantes sempre, podendo transformar a curiosidade

deles em ferramenta de aproximação e reconhecimento da Sociologia.

No campo das sugestões, confundiram-se um pouco com comentários gerais, tal confusão foi devida a ser a pergunta mais genérica do formulário e não constar um campo totalmente aberto de comentários gerais.

Ademais, as duas turmas se mostram contraditórias nas sugestões, como por exemplo, pedindo mais provas e trabalhos. Na turma A foi sugerido mais conteúdos, e solicitado mais aulas com slides e explicar uma forma mais compreensível, de acordo com o preenchimento das perguntas objetivas.

A turma B contribui com mais sugestões, tanto sobre temas mais técnicos de recursos quando de conteúdos. Novamente as aulas com apresentação de *slides* foram citadas e incentivadas a continuar, bem como mais trabalhos e atividades fora escola. Uma sugestão bastante contundente, também falada em sala de aula, foi de não tratar temas polêmicos para não gerar discussão, pela diversidade de opinião da turma, entretanto outros estudantes sugeriram mais debates.

As duas turmas pontuaram também a necessidade de eu enquanto professora, chamar a atenção dos estudantes durante aula, questão que também comentaram durante as aulas e me coloquei no sentido que chamaria a atenção quando achasse necessário e sem repetir muitas vezes, pois a aula é uma troca de ambos os lados.

Analisado os formulários, concluo que a narrativa de análise do estágio construída por mim não se assemelha de todo as respostas do formulário, entretanto consigo traçar fatores para interligar as duas visões, principalmente pelos formulários retratarem um lado do estágio um tanto subjetivo, onde eu (estagiária) tive dificuldades em relatar. Exemplo desse ponto é a insegurança demonstrada em aula e apresentada nos formulários nas perguntas um e dois, ponto que deve ser trabalhado por mim, pois ultrapassou o nervosismo habitual de ministrar aulas sozinhas, sendo perceptível para os estudantes.

Ainda sim, o estágio docente realizado com as duas turmas se mostrou uma grande experiência, confrontando o conhecimento acadêmico da Universidade com a realidade objetiva da sala de aula. Vivenciando todas as questões mais complexas do

ensino, do convívio em sala de aula e das particularidades de cada estudante, aprendo que esse emaranhado é o fazer docente. Acredito que segui os preceitos levantados por Lahire, mesmo com todas as dificuldades, no ensino da Sociologia

As ciências sociais têm por objetivo fazer ascender a realidade que permanecem invisíveis frente à experiência imediata. Por ser trabalho coletivo de reconstrução paciente, elas oferecem imagens particulares do mundo social, de suas estruturas, das grandes regularidades ou dos principais mecanismos sociais que os regem.

[...] Esse conhecimento imediato - que permite ultrapassar o horizonte limitado de todas as visões que reduzem o mundo social ao que os atores puderem sentir, pensar ou dizer dele - supõe numa dissociação da percepção e do conhecimento: trata-se de conhecer o mundo fora da percepção direta ou imediata desde, por reconstrução da realidade a partir e de um conjunto de dados coletados, criticados, organizados, agregados e postos de diferentes maneiras. (LAHIRE, 2013)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O decorrer do estágio docente foi marcado por desafios didático-pedagógicos e pessoais. A construção de um planejamento próprio, bem como a responsabilidade de ministrar duas turmas tão plurais sozinha, transformou-se em um período de imenso aprendizado pessoal e para meu futuro profissional.

Saliento, o fundamental acompanhamento do professor orientador e a troca de ideias e experiências na turma do estágio na Universidade, embora não conste de forma clara no relato, esse suporte transpassou todos os momentos de decisão durante o estágio, assim como decisões futuras na minha docência, corroborou também para que pudesse concluir o estágio da maneira mais tranquila possível. O suporte da Escola e professores das demais disciplinas foram importantes para o bom andamento do estágio, sendo uma parte intrínseca do exercício docente a convivência escolar e o aprendizado dos processos e tempos da Instituição.

Juntamente com o desenvolvimento dos conhecimentos didáticos-pedagógicos, a transformação dos conceitos teóricos, essencialmente acadêmicos, em conhecimento escolar com o intuito de construir o saber e o raciocínio sociológico com o estudantes é um processo constante e relacionado diretamente a práxis docente. Sendo a constante relação da prática com a teoria um elemento totalmente interligado, onde um não pode estar dissociado do outro.

Mesmo buscando estimular os estudantes com a disciplina, ““estudar” ainda faz parte das atividades similares a castigo” (DEMO, 2010), tornando-se um desafio a mais lecionar num mundo onde a escola tem o papel confuso na formação dos estudantes, a qual, muitos estudantes não gostariam de estar lá, se pudessem escolher certamente não estariam. Então, a prática docente se faz mais necessária nesse momento de questionamento da escola, reforçando “desenvolvimento de sua autonomia intelectual e de seu pensamento crítico, sua preparação para o mundo do trabalho e o desenvolvimento de competências para continuar seu aprendizado” (BRASIL, 2002).

Nesse momento, é fundamental exercer mais a escuta do professor, como procurei no estágio fazer, a fim de oportunizar um ambiente mais acolhedor para os estudantes, e de permanência na escola e ter espaço mais adequado para o desenvolvimento dos estudantes. Criando condições para a continuação dos estudos, por exemplo, se assim desejarem, mudando a noção de castigo a qual Demo se referencia.

Portanto, o estágio é esse momento único, como ponte de construção entre a Universidade e a Escola, sendo acompanhado por profissionais a fim de aprimorar a formação de futuros professores. Visto isso, entendo o estágio docente obrigatório como parte constitutiva da minha formação docente, mais que período de vivência, etapa da formação primordial para o exercício da minha profissão. Ademais, a maturidade pessoal e profissional adquirida durante o estágio possibilita maior compreensão dos processos que envolvem o exercício da docência, pois acredito “que ‘Outro Mundo é Possível’”, sejamos os agentes sociais de nossa própria transformação e, com nossa ação, possamos alterar a realidade” (PEREIRA, 2015).

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio**. Ciências Humanas e suas Tecnologias/Secretaria de Educação Básica - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de educação Básica, 2006.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares de Ensino Médio**. Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnologia (SEMTEC/MEC), 2000.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares de Ensino Médio + Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Ciências Humanas e suas Tecnologias**. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 2002.

DAYRELL, Juarez e REIS, Juliana Batista. **Juventude e escola: reflexões sobre o ensino de Sociologia no Ensino Médio**. XIII Congresso Brasileiro de Sociologia, 2007. Disponível em: www.sbsociologia.com.br - GT 09: Ensino de Sociologia.

DEMO, Pedro. **Educação científica**. B. Téc. Senac: a R. Educ. Prof., Rio de Janeiro, v. 36, n.1, jan./abr. 2010.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e Ousadia: o cotidiano do professor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LAHIRE, Bernard. Viver e interpretar o mundo social: para que serve o ensino de sociologia? IN: GONÇALVES, Danyelle Nilin (Org.). **Sociologia e juventude no ensino médio: formação, PIBID e outras experiências**. Campinas: Pontes Editores, 2013. (pp. 15-30).

PEREIRA, Luiza Helena. **Sociologia: a arte da ruptura, da construção e da explicação**. IN: Ciências Sociais Unisinos, São Leopoldo, Vol. 51, N. 3, p. 244-250, setembro/dezembro 2015.

ROCHA, Sônia. **A inserção dos jovens no mercado de trabalho**. In: Cadernos CRH, Salvador, vol. 21, nº 54 set/dez 2008, p. 533-550.